

Caindo com Palavras para Dentro do Silêncio

Valério Romão (2018). *Cair para dentro*. Lisboa: Abysmo, 212 pp.



Poderíamos considerar *Cair para dentro*, o mais recente romance do escritor português Valério Romão, conclusão da trilogia *paternidades falhadas*, menos forte do que os anteriores, não fosse a perfeita adequação da sua forma à proposta narrativa, mesmo com as dificuldades e problemas que daí advêm, originando um todo singular. Além disso, apesar de alguma frustração das nossas elevadas expectativas, surgidas perante o tema anunciado para este romance e após a leitura dos anteriores, não podemos deixar de apreciar a forma como o autor continua a expandir uma certa quintessência com que se apresentou à publicação, logo nas suas primeiras obras – com o estampido efusivo, mas circunscrito ao nosso pequeno meio literário, que se espera perante uma solidez que desafia o marasmo –, mostrando já um azimuth aparentemente bem medido, uma proposta mais enformada do que o habitual. Partindo da sua biografia, chegaremos a este livro através dos anteriores, parando também em apeadeiros da receção e do estilo deste autor.

Valério Romão nasceu em 1974, em Clermont-Ferrand, França, de onde se mudou para Portugal aos dez anos. Licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, *mas é* informático de profissão, além de escritor e tradutor (traduziu, por exemplo, Samuel Beckett e Virginia Woolf). Além de romances e contos, escreve também peças de teatro – como *A Mala*, *Posse* e *Macha*, já levadas à cena em Portugal –, e escreve semanalmente no jornal Hoje Macau. Foi por três vezes selecionado no concurso Jovens Criadores e, em 2016, esteve entre os cinco finalistas do prémio literário Femina, com a edição francesa de *Autismo*, num lote onde

também se encontrava, curiosamente, outro português, Gonçalo M. Tavares, com *Matteo perdeu o emprego*.

Sobre a escrita de Valério Romão, enquanto o olhar vai ao osso e o estilo é por vezes duro e distanciado, algo frio, dizemos que ainda assim a escrita não é seca, sendo o seu estilo bastante palavroso, com muitos apartes, muitos símiles e metáforas, misturando amiúde registos de linguagem eruditos (principalmente vindos da filosofia) com o coloquial, indo além do que se esperaria de tal mistura numa digestão que apropria esses registos e os baralha em algo muito próprio, presente nas vozes que narram os seus textos, quase sempre numa primeira pessoa essencial à tensão que claramente se procura implementar. A escrita oferece-nos uma torrente de pequenos sobressaltos poéticos, formas outras de dizer as coisas do dia-a-dia, e aqui falamos especialmente, mas não exclusivamente, de *Cair para dentro*, onde se sente um apuro cada vez maior em não obstruir o conteúdo com a forma, embora a forma adquira aqui uma nova relevância, como veremos.

Chegados ao estilo desta escrita, não podemos deixar de o pôr em diálogo com uma certa epigonia de António Lobo Antunes, e não dizemos nada de mais ao apontar-lhe tendências antunianas, uma vez que o próprio autor o admite, por exemplo em declarações ao Público: «Ainda há Lobo Antunes em mim, felizmente agora em níveis pouco mais que homeopáticos – e não refiro isto por menosprezar a qualidade e a influência, mas por não achar salutar a ideia de estilo que ‘faz escola’» (*apud* Lucas, 2016). Concordamos com a progressiva homeopatia da aproximação, uma vez que é nos seus primeiros textos (por ordem de escrita, não de publicação) que encontramos mais proximidade, incluindo até no uso de um certo tipo de quebra de linha para falas ou apartes próxima à que Lobo Antunes usa frequentemente nas suas crónicas. Já neste *Cair para dentro* poderíamos apontar ainda um certo uso da metáfora e uma certa eloquência palavrosa, mais descoberta do que inventada por Lobo Antunes, que, em abono da verdade, foi uma aurora demasiado brilhante na literatura portuguesa para que não se encontre a sua luz vertida em muitas das outras vozes, ainda que não a reflitam, ou lhe pretendam fugir sem sucesso.

Especialmente a partir dos romances e dos contos de Valério Romão, verificam-se facilmente os dois temas centrais na sua obra até à data: a família e a doença, com predominância do primeiro. Esses assuntos «interessam-lhe por não serem muito explorados ou, segundo defende, por o serem insuficientemente[:] “Quando tanta gente está a fazer coisas em termos de literatura e teatro que são tão amenas e tão tépidas, que não se distingue a atmosfera da água, aparece uma

pessoa que faz uma coisa um bocadinho mais quente e parece que já está ferver, e isso não é verdade”» (Tomás, 2015). Seja como for, a partir destes temas o autor pode lograr o seu *modus operandi* essencial, colocando as personagens perante os seus próprios limites, numa situação de teste e provação, com consequências reveladoras não só a nível do indivíduo, mas também da própria natureza humana. Além da forma admirável como procura o risco, principalmente nos romances, que poderiam facilmente falhar noutras mãos ou circunstâncias, Romão não escreve de todo para entreter, e os seus temas difíceis são sempre abordados sem distorções sensacionalistas. Na expressão feliz de José Riço Direitinho, a sua escrita tem uma «cruza desapiedada» (Direitinho, 2013), perante as personagens e o leitor, que parece imune a concessões.

Especialmente o tema da família é uma constante nos seus contos. Entre alguns dispersos por várias revistas portuguesas (como a *Egoísta* ou a *Magma*), destaca-se *À medida que fomos recuperando a mãe*, publicado no número inaugural da *Granta Portugal*, em maio de 2013. Considerado por vários leitores um dos melhores da publicação portuguesa, misturando um certo humor negro *deadpan* com uma melancolia abnegada em contexto familiar, este conto acabou por ser também traduzido para inglês e publicado na secção *New Writing* da *Granta* inglesa *online*, não sendo incluído na edição em papel apenas por, segundo Carlos Vaz Marques, o editor da *Granta Portugal*, «não se enquadrar nos temas já previstos para os próximos números» (Coutinho, 2013). Depois disso, saíram mais dois contos de Romão na *Granta Portugal* – *Quando se pôs o meu irmão fora de casa* (n.º 3, maio 2014), que também granjeou alguma atenção, especialmente por partilhar o mesmo tom do anterior, e *Enciclopédia médica da família* (n.º 8, outubro 2016), aparentemente autobiográfico, sobre a infância do autor em França.

Depois de um primeiro volume com apenas três contos reunidos em *Facas* (ed. Companhia das Ilhas, 2013) – que José Riço Direitinho diz serem fruto de um autor ainda a «fazer a mão» para o que escreveria a seguir (o autor escreveu-os ainda antes dos dois primeiros romances, e é aqui que se sente a maior influência antuniana que referimos), embora os considere já surpreendentes (Direitinho, 2013) –, Romão reuniu alguns desses contos dispersos em *Da Família* (ed. Abysmo, 2014), a que se seguiu uma terceira coleção de contos com o título *Dez razões para aspirar a ser gato* (ed. Mariposa Azul, 2015), onde se percebe cada vez mais um *flirt* com o fantástico, quase apenas como mote, sem fazer sucumbir a narrativa aos seus modelos.

A trilogia *paternidades fallhadas* começou com *Autismo* (ed. Abysmo, 2012), com um casal em guerra a desfazer-se perante as dificuldades que têm com

o filho autista. Apesar do seu tom algo *kafkiano* de uma interminável espera por notícias no serviço de urgências de um hospital português, este livro é claramente autobiográfico, tendo o autor deveras um filho com essa doença. Além de uma edição em Itália, *Autismo* foi traduzido e publicado em França pela editora Chandeigne a partir do grafismo original, merecendo também elogios da crítica, para além da atenção do Prix Fémina, já referida. O *Le Figaro*, por exemplo, em novembro de 2016, dá a pontuação máxima a *Autisme*, que considera «une oeuvre majeure, justement retenue par les jurées du prix Femina jusqu'à leur dernier tour du scrutin cet automne, qui fait entendre la voix d'un écrivain européen qui n'a pas fini de troubler le sommeil de ses contemporains» (Lapaque, 2016).

O da Joana (ed. Abysmo, 2013), que merecia mais atenção concreta da crítica do que a que teve, apresenta uma narrativa intensa mas simples, sobre o drama de uma mulher que dá à luz um nado morto, passada no período de menos de 24 horas entre o trabalho de parto e o desenlace tão arrepiante quanto pungente, pouco depois do nascimento, num final inesquecível que conjuga, ampliando-as mutuamente, a abjeção e a compaixão pela protagonista. Com apenas 160 páginas, metade da extensão do episódico *Autismo*, esta segunda parte da trilogia apresenta uma tensão e uma força emocional tremenda da primeira à última página, numa situação limite onde o chamamento do presente não impede que se conheçam as personagens e as suas histórias descarnadas no essencial.

A força desse livro, que talvez pudesse ser mais bem identificado com a circunscrição da novela, encontra ecos em *Cair para dentro*, numa aparição por várias vezes reiterada de Joana – contratada a certa altura para cuidar de uma das protagonistas –, e da sua ausência definitiva, comunicada por Jorge, o seu marido, epilogando a história anterior. Além disso, também o pai de *Autismo* faz um breve *cameo*, ficando assim os cantos aparados a um possível embrulho para uma trilogia de histórias com o mesmo universo partilhado, o mais quotidiano que poderíamos conceber (aqui não há qualquer laivo fantástico de alguns contos de Romão).

Fruto de um longo processo de escrita, *Cair para dentro* – que tinha o título provisório de *Alzheimer*, segundo várias entrevistas ao autor (*apud* Tomás, 2015) – demorou quase cinco anos a vir concluir a trilogia. Segue a voz e as vidas de duas mulheres em confronto permanente: mãe, Virgínia, e filha, Eugénia, numa complexa relação de poder que virá a ser subvertida quando Virgínia adoece com Alzheimer. Virgínia é uma mãe muito exigente e controladora, praticamente uma tirana que, apenas querendo o melhor para a filha, acaba por impedir Eugénia de ser autónoma, incapaz de uma adultez

plena. Quando a doença começa a incapacitar Virgínia, a relação de cuidadora inverte-se, assim como a necessidade de uma controlar a outra, passando agora a autoridade para a filha. É então que surge uma questão essencial, que acaba por permitir até uma forma de vingança: como é que Eugénia pode tratar bem quem a maltratou durante toda a vida?

Eugénia tem alma de poeta, mas Virgínia, espírito inverso, pragmático e austero, antiga presidente de Junta de Freguesia, cerceia-a desde pequena. Eugénia acaba por estudar filosofia, embora a mãe quisesse que ela fosse para direito. Talvez a doença da mãe venha permitir uma oportunidade de libertação, embora se acabe por não se perceber se Eugénia conseguirá sair da gaiola onde foi criada, e de onde talvez não tenha meios e recursos pessoais e íntimos – principalmente estes – para dela sair.

Em *Cair para dentro*, a doença de Alzheimer é menos determinante do que o autismo era para o romance homónimo. Não tem a mesma relevância plena, mas, ainda assim, é o pano de fundo e o motor essencial da narrativa, embora a tensão surja muitas vezes apenas da relação entre mãe e filha, antes da doença. Mais para o fim, no entanto, a dissolução da memória e da personalidade de Virgínia começa a ocupar todas as páginas, e a doença influencia até a própria estrutura do livro, numa narrativa completamente estilhaçada em fragmentos, peças de um puzzle de memórias, a duas vozes, que o leitor tem de montar. O contexto vai surgindo aos poucos, à medida que os episódios aparentemente aleatórios começam a fazer sentido, e chega mesmo a haver fragmentos, especialmente na primeira metade do livro, onde se confundem as duas protagonistas, como se se mimetizasse a confusão identitária da demência. Este dispositivo torna-se, assim, bastante eficaz, podendo ser visto como o inverso da degeneração da Alzheimer – aqui começamos desamparados, confusos, e emergimos conscientes das vidas destas personagens e dos acontecimentos que antes, remoídos, eram apenas vislumbres sem contexto. Sem lucidez.

É o próprio autor que nos confirma a impressão, referindo a esse propósito o seguinte:

Pensei numa estrutura em que a composição fosse parecida à dificuldade que um doente de Alzheimer tem relativamente à memória: recupera não aquilo que quer, mas aquilo que pode. Parece haver sempre uma ambiguidade latente nas coisas recuperadas, como se estas pertencessem a outra pessoa ou a outra fase da sua vida. Não podia, obviamente, ser “alzheimeriano” tal e qual, sob pena de comprometer o sentido da narrativa. Mas tentei aproximar-me tanto quanto possível disso. (*Apud* Direitinho, 2018).

Os fragmentos vão mudando de voz, perspectiva e época (o tempo verbal é, ainda assim, sempre passado, numa rememoração constante), mas o tom e estilo de cada voz é semelhante, ou, pelo menos, não suficientemente diferente, ao contrário do que se esperaria de duas protagonistas/perspetivas/vozes distintas. No entanto, até essa aparente continuidade estilística ajuda ao puzzle, mesmo que retire alguma coerência ao dispositivo.

Esta construção permite também algum ensaísmo que nos outros romances estaria ausente. Por vezes, onde não há uma voz específica (apenas pelos temas abordados se supõe ser Eugénia a narradora, embora haja alguma polifonia tímida justificada por um ou outro fragmento completamente constituído pelo discurso, ou assim parece, de outra personagem), surgem reflexões preponderantemente filosóficas, embora também abordem, por vezes, outros temas, como por exemplo numa sequência sobre o filme (e a história sobre a morte de Nietzsche que lhe serve de mote) *O Cavalo de Turim* e a novela *A Morte de Ivan Ilitch*.

Assim, a escrita de *Cair para dentro* denota uma grande bagagem de leituras de forma mais explícita do que anteriormente, percorrendo a filosofia todo o livro de uma forma concreta, teórica, bastante nomeada, proporcionada pelo curso e profissão de Eugénia, que dá aulas no ensino superior, e alimentada, naturalmente, pela formação do próprio autor. Enquanto os outros livros eram mais focados e coesos tematicamente – especialmente *O da Joana* –, este é mais disperso, mas tal dispersão não surge forçada e, de qualquer forma, condiz mais uma vez com a forma.

Dado o carácter atribuído a Eugénia, também a poesia é presença constante e explícita no romance, que vai pedindo versos – e até um poema inteiro – a poetas contemporâneos/as portugueses/as. Poderíamos questionar o núcleo demasiado constrito de poetas, e talvez apontar alguns nomes do grupo de amizades do autor, mas os versos (e poema) escolhidos são inquestionavelmente apropriados e os/as autores/as de renome, pelo que não duvidamos das intenções do autor. Em vez disso, apreciamos a serendipidade das suas leituras, a divulgação de nomes que a merecem, e o diálogo que fica estabelecido entre a prosa e a poesia.

Nesta história cheia de desaparecimentos – como o do pai ausente (queria um filho em vez de uma filha, o que lhe justifica o abandono da família e depõe uma laje de culpa sobre mãe e filha, falhadas ambas na vontade patriarcal), o da gata Maria, e por fim de Virgínia, que desaparece para dentro de si mesmo –, as duas mulheres são uma espécie rara de anti-herói, com a coragem possível pelos limites por vezes autoimpostos. Na verdade, tal como em toda a trilogia *paternidades falhadas*, as (e os) protagonistas são pessoas normais que

falham como todas, mas que também encontram forças onde não esperavam. Como dita a condição humana, dificilmente conseguiriam antecipar a reação que teriam frente às adversidades com que se deparam, acabando por fazer coisas que não imaginavam vir a fazer.

O leitor já familiarizado com o tom por vezes frenético do texto, por vezes até aparentemente errático (mas sempre com um objetivo definido), encontrará aqui a mesma negrura nos temas e no humor que por vezes parece indispensável, mesmo nos momentos em que tal pareceria um risco, caso não estivéssemos perante um autor experiente no manejo de tais venenos.

Por fim, ficando *Cair para dentro* num extremo de fragmentação de pequenos *sprints*, fica o grande contraste com o longo mergulho em apneia de *O da Joana*, enquanto *Autismo* retira forças do equilíbrio entre estas duas intensidades, embora se perceba, em qualquer dos casos, a felicidade da forma certa para cada narrativa. Além disso, vislumbra-se em Valério Romão a argúcia de saber acabar as histórias na altura certa, o que se nota especialmente bem nos dois primeiros volumes desta trilogia, cujos finais em clímax não deixam pedra sobre pedra, exigindo assim o desmoronar do edifício, ou simplesmente o fechar de uma porta, o fim daquilo que interessava observar. Em *Cair para dentro* também não há um final feliz, nem poderia haver, e só aparentemente fica mais por contar. Entrevê-se deveras um fim, chega-se ao presente de duas vidas sem futuro, e adivinha-se a sua falência, num lento despenhar para dentro do silêncio.

Referências bibliográficas

- COUTINHO, Isabel (2013). «Conto de Valério Romão na Granta online em inglês e adaptado ao cinema», *Jornal Público*, 06-11. URL: <https://www.publico.pt/2013/11/06/culturaipsilon/noticia/conto-de-valerio-romao-na-granta-online-em-ingles-e-sera-uma-curta-1611606>. (Acesso em 14-12-2018).
- DIREITINHO, José Riço (2013). «Fazer a mão», *Jornal Público*, 05-12. URL: <https://www.publico.pt/2013/12/05/culturaipsilon/critica/fazer-a-mao-1658614>. (Acesso em 14-12-2018).
- DIREITINHO, José Riço (2018). «Daqui a cinquenta anos falaremos da família tradicional como falamos hoje de tribos desaparecidas», Entrevista a Valério Romão, *Jornal Público*, 24-03. URL: <https://www.publico.pt/2018/03/24/culturaipsilon/noticia/valerio-romao-1807199>. (Acesso em 14-12-2018).

- LAPAQUE, Sébastien (2016). «Autisme», *Le Figaro*, 24-11. URL: <http://evene.lefigaro.fr/livres/livre/valerio-romao-autisme-4570317.php>. (Acesso em 14-12-2018).
- LUCAS, Isabel (2016). «O Antunes pega-se?», *Jornal Público*, 23-01. URL: <https://www.publico.pt/2016/01/23/culturaipsilon/noticia/o-antunes-pegase-1720707>. (Acesso em 14-12-2018).
- TOMÁS, Ana (2015). «Valério Romão. Um escritor sem liftings», *Jornal i*, 08-04. URL: <https://ionline.sapo.pt/387003>. (Acesso em 14-12-2018).

*Emanuel Madalena**

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade de Aveiro e Mestre em Estudos Editoriais pela mesma instituição. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto. Investigador colaborador no Centro de Línguas Literaturas e Culturas (CLLC).